



fios



**BETO RICHA**  
Governador do Estado do Paraná

**PAULINO VIAPIANA**  
Secretário de Estado da Cultura

**VALÉRIA MARQUES TEIXEIRA**  
Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

**ROGÉRIO PEREIRA**  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

**IVENS MORETTI PACHECO**  
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Coordenação do Prêmio Paraná de Literatura 2014

**LUIZ REBINSKI JR.**

**MARCIO RENATO DOS SANTOS**

**OMAR GODOY**

**COMISSÃO JULGADORA DO  
PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2014**

Prêmio Helena Kolody | Poesia

**ANDRÉ SEFFRIN**

**AUGUSTO MASSI**

**LUCI COLLIN**

Projeto gráfico | Capa | Revisão  
Preparo de originais | Produção gráfica

**RETINA 78**

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

---

Barros, Sônia, 1968-  
Fios / Sônia Barros. - Curitiba, PR : Secretaria de  
Estado da Cultura ; Biblioteca Pública do Paraná, 2014.  
80 p. ; 21 cm.

"Vencedor do Prêmio Paraná de  
Literatura 2014 - Categoria Poesia"  
ISBN 978-85-66382-15-0

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD ( 22º ed.)

B869.1

---



**RETINA 78**



Sônia Barros  
fios





FIOS  
2008 – 2014

*para Donizete Galvão,  
em memória*

# Sumário

Fios do ofício.....	09
A vida examinada.....	10
Sem lugar.....	11
Fim da linha.....	12
Retrato de um rio.....	13
Chuva tardia.....	14
Águas rasas.....	15
Resgate.....	16
Silêncio.....	17
Vertente.....	18
Constatação.....	19
Presença.....	20
Sob o olhar de Benjamin.....	21
Revelação.....	22
Lâmina.....	23
Desde sempre.....	24
Devaneio.....	25
Quando.....	26
Fio a fio.....	27
No fio da infância.....	28
Compensação.....	29
Visão.....	30
Mão única.....	31
Novelo.....	32
Sinal.....	33
Desvio.....	34
Futuro.....	35
Varal.....	36
Menina em transe.....	37
Tatuagem.....	38
Um lugar.....	39
Vinco de vidro.....	40
Ser noturno.....	41

Procura .....	42
Sim .....	43
Tentativas .....	45
Fios do ontem .....	46
Poema para Ferreira Gullar .....	47
Nostalgia .....	48
Passeio em fevereiro de 2006 .....	49
Duplo cozinhar.....	50
Escolhas.....	51
Roto caminho .....	52
Salto final .....	53
Corda bamba .....	54

#### da arte

Mahler monumental .....	59
Tons de Antonioni.....	60
Noite estrelada sobre o Ródano .....	62
Móbile Calderiano.....	63
Luz de Goeldi .....	64
Concertos de Francis Ponge .....	65
Por um fio .....	66
Fios nascentes.....	67
Mandalas.....	68
Olhares de Ozu.....	69
Fios de um sonho .....	70
Moça com brinco de pérola .....	71
Graças a Cortázar.....	72
Desabafo de cinéfilo .....	73
Musa desconhecida.....	74
Criação .....	75
Zigue-zague.....	76
Donizete Galvão .....	77



## FIOS DO OFÍCIO

à força de fomes e febres, veias escrevem  
ora cavando vorazes, ora colhendo  
espinhos com falsa suavidade: pétalas  
impossíveis num pântano de arame farpado  
e raízes – raramente o inefável.

pós-podridão de veias e pulso,  
o desejo desafio desatino de que fique,  
além de ossos e espinhos,

algum perfume.

## A VIDA EXAMINADA

Que sejam duas  
ou múltiplas – amálgama  
de escolhas e procuras:

a solitária, despida  
de qualquer vestígio de luz,  
fria antecâmara  
do real;

a inventada, com fios  
do acaso construída,  
escrita *in loco*  
sem relógio.

## SEM LUGAR

(a partir do poema “vida minúscula”, de Donizete Galvão)

*para quem nasceu destinado*

não à enxada

mas a trabalhar em casa

alheia, repetindo

a lida materna,

o desejo do voo

– mesmo rasteiro –

fazendo da palavra

seu meio de vida

é quase uma afronta

ao imutável destino:

casulo-mordança

sempre a lembrar

o devido lugar

da menina lagarta.

## FIM DA LINHA

O trem desapareceu,  
nunca mais foi visto,  
    só o apito percorre  
    o trilho do ouvido,  
vai e vem intermitente,  
agulha a cerzir espaços,  
    esgarçados lodaçais  
    do esquecimento:  
o ontem ressurgindo  
no ritmo de espasmos,  
    luz cortando sombras  
    no túnel do pensamento,  
ouvido inconsciente  
de quem até hoje sente  
    e carrega uma estação  
    de trem por dentro.

## RETRATO DE UM RIO

Com desenhos no lugar  
das palavras, ele tentava  
crer que, de fato, existia:

às vezes – não sempre,  
na verdade quase nunca,  
só às vezes e talvez  
por isso fosse tão urgente –  
corria no leito escuro e seco  
do peito, um fio feito de sóis.

Nesse veio de inesperado  
brilho, vinha a vontade  
em forma de peixe  
banhar-se:  
presságio de existência  
agora desenhado  
para nunca mais  
esquecer.

## CHUVA TARDIA

No esplendor, de súbito, imerso.  
Imenso céu concretizado  
por sobre olhos cegos  
– dedos de sol nas costas mortas de um monte.  
Foz fecunda e frondosa  
a desaguar galhos de chuva  
no oco de um tronco que, outrora,  
acreditava-se grão.

## ÁGUAS RASAS

Atrás do muro, o outro lado  
do mundo que seu canto curto  
não alcança nem ousa – não ousa mais  
voo maior que o rastejar. Aprendeu  
a contentar-se com fiapos, trilhas,  
trilhos sob os pés descalços,  
música de ouvido que vem do rio,  
colhida na concha acústica das mãos.  
Altas pedras cerceando as águas  
rasas de um riacho: tão efêmeras  
quanto eternas, asas e muralha.

## RESGATE

Teve um dia oito anos  
de idade, embora não pareça  
ter nascido nem passado  
pela infância: muda lembrança  
sem imagem.

Aos oitenta,  
o homem assusta-se  
– como se nascesse pela voz  
de uma verdade – sim,  
oito anos.

Tudo por causa de um latido  
que ouviu de dentro, do começo  
de si mesmo:

oito anos e um cachorro!  
Sorriu ao sentir  
a epifania, lambida quente  
na alma viva.

## SILÊNCIO

Ninguém sabia, mas ele  
vivia perdido em labirintos  
por entre as vigas da palavra,  
em batalhas por dentro  
de si mesmo: essa casa língua  
que, por mais que tentasse,  
não podia compreender – sequer  
alcançava o caminho  
das entrelinhas.

Por isso preferia o silêncio  
dos gritos, abafando qualquer  
vestígio de ruídos intrínsecos.

## VERTENTE

Há vozes que vêm para o poema  
mas não foram convidadas, surgem  
como luz soprada por lábios de um sol improvável,  
música inusitada a nascer num jorro que rasga  
e fecunda o solo solitário das palavras.

Há verbos que invadem, perfuram o osso  
do poema e do poeta – feito o zurrar de um asno,  
como em Balthazar, de Bresson – e permanecem  
tamanha a correnteza de seu gozo.

## CONSTATAÇÃO

Descobriu sem tristeza  
e, apesar de ter sentido  
uma espécie de frio,  
tampouco houve surpresa  
no momento da descoberta:

não é a morte o pior verdugo,  
com seus fios verde-musgo,  
garras sob pele tenra,  
hera primeva a esconder  
no ventre o muro do fim;

carrasco a cavar na alma  
maior ruína é a sina de ser só  
– sol latente no coração da sombra –  
que em nada se aproxima  
do estado desejado de não ser.

## **PRESENÇA**

*para Armando Freitas Filho*

Ar de afeto  
no peito, presente  
nos dias duros  
e claros, inesperado  
impulso de aplausos,  
carícia nas críticas  
com a mão firme  
do coração. Ar de  
saudade, vontade  
de estar junto  
    feito filha,  
irmã caçula,  
amiga, sobre  
voando dores  
alegrias e sonhos  
nessa inesgotável  
ilha, que se faz  
península: céu  
do pensamento.

## SOB O OLHAR DE BENJAMIN

Crer como se fosse perto  
aprender, reaprender  
o não  
– sem palavras  
como na infância –  
à falta de sentido  
desses filhos efêmeros  
da vida: os dias,  
novos e cada vez mais  
velhos, sempre  
os mesmos,  
fragmentados,  
vazios,  
alameda de árvores estéreis  
enfileiradas na esteira  
de um tempo  
macro, sem espaço  
para o mínimo  
e necessário tédio,  
sem ninho  
para o pássaro  
do sonho.

## REVELAÇÃO

Em sonho flutuava,

corpo caminhando sem tocar a superfície  
do rio raso e transbordante de peixes  
agonizantes.

Acordou sem conseguir  
respirar direito  
esticou um dos braços  
sobre o criado-mudo  
pegou o remédio  
pingou duas gotas  
em cada narina  
e noventa segundos  
depois voltou a respirar

ainda flutuando

sem tocar a superfície do real.

Dias após a revelação,  
aconteceu:

num vômito de escamas  
expulsou  
todo o cardume  
de sua existência rasa.

## LÂMINA

a aranha tece o fio  
invisível envolverá a presa  
em fina tessitura de cortes  
num vão recôndito da sala: a morte  
sem acordes, sem alarido.

## DESDE SEMPRE

*para Ronald Polito*

Inerte  
numa encruzilhada  
diante do risco  
imprevisto: uma só estrada,  
único caminho ou todos  
e nenhum.

Ponto partido  
*impelido pelo vento que vem de dentro*  
sempre de partida  
sem chegada.

## DEVANEIO

Corpo molhado,  
misturado ao tecido  
da rede, esquecido  
de ser corpo, como se  
só o pássaro-pensamento  
existisse: penas flutuantes  
embaladas pela brisa  
e balanço – pêndulo  
de um tempo interior  
senhor de si  
capaz de retroceder,  
parar, prender  
o instante  
em luz  
para depois seguir,  
avançar,  
mas ainda dentro  
de si mesmo,  
tempo outro  
galopante no dorso  
de um rinoceronte:  
voo que o corpo  
de repente consegue  
acompanhar, chamado  
pela voz de outro  
corpo, que deu de morar  
(demorar)  
no pensamento.



## **FIO A FIO**

*para o Bruno*

Ranger de rodas no asfalto  
mastigando águas, língua  
do vento a roçar o vidro  
de tímpanos insones, dança  
desencontrada de pálpebras, portas  
e janelas, passos no andar de cima  
inter(calados) com os pingos  
no telhado da sacada.

No quarto ao lado,  
a respiração-presença do menino  
mistura-se à carícia do cheiro da chuva,  
sobrepõe-se aos sons da escuridão  
e faz nascer no peito  
súbita alvorada.

## NO FIO DA INFÂNCIA

A cada manhã, ao chegar  
à casa em que a mãe trabalhava,  
o afago: a ruiva basset a recebia  
sorrindo pelos olhos cor de mel.

A lambida nas mãos também era  
doçura: pedaço ofertado de céu  
a espantar o tédio – embora  
não houvesse, ainda, o vazio.

Durante uma década, as duas  
brincaram sem saber que viviam:  
pertenciam-se, menina e basset.

## COMPENSAÇÃO

Duas mães: uma de Minas, outra paulista.  
Ambas da roça, do interior. Ambas  
feitas de força – a despeito da dor.

Duas mães: imprescindíveis mulheres  
a compensar ausência de um só  
que não sei quem foi.

## VISÃO

Ao descer do ônibus,  
sob o sol da manhã de um sábado,  
viu nas pedras da calçada  
o espesso vermelho, grito mudo  
a escorrer num tapete de sangue.

Ninguém viu além do azul  
do céu de um sábado,  
ninguém compreendeu  
seu susto diante do chão  
sempre igual acinzentado.

Correu até chegar em casa,  
a poucos metros do ponto,  
e ouviu a notícia pré-sentida.

## MÃO ÚNICA

*para Luiz Ruffato*

(ao matadouro  
vamos todos  
passo a passo

partilhando o mesmo  
meio-fio meio-córrego  
onde pés atolados arrastam-se

só os olhos vagueiam

uns pressentem o fim  
outros o desdenham  
poucos o sabem

juntos e no entanto  
sozinho sempre  
o ruminar)

## NOVELO

Ao descer do palco,  
desejava carregar  
cada personagem,  
feito um sapo  
colado às costas:  
pele, carne, vísceras  
de outra pessoa  
ou bicho  
para poder não ser.

Príncipe-marionete  
guiado por fios  
fantasmas não queria  
– nem no palco –  
só se pudesse  
encenar-encarnar Teseu  
e o real deixasse  
de ser labirinto  
para tornar-se caminho:  
Ariadne a resgatá-lo  
por um (único) fio.

## SINAL

Em seu corpo  
quase seco – porto  
vazio – uma bandeira ainda tremula,  
espécie de lanterna, luz agonizante  
prestes a morrer, mas sem morrer  
de fato, indicando a possibilidade  
do milagre: líquido destino,  
novo cais.

## **DESVIO**

Num fio de voz  
as águas do velho Chico  
pedem socorro.

## FUTURO

No esgoto,  
catando restolhos,  
a menina procura  
cerzir o vinco  
do estômago.

No alto,  
o futuro a espia  
com garras  
e agulhas  
sem linha.

## VARAL

A mulher que lavou as roupas  
*numa caixa de louça*  
mantém nos lábios, ao estender  
cada peça, o sorriso:

Não é lindo esse varal  
cheio de roupas? Sinto uma coisa boa  
quando termino meu serviço!

Sem saber, essa mulher  
me leva ao longe  
de outros tempos...

varal que balançava ao vento,  
embalado por cantigas  
à beira de pedras e rios.

E hoje, mesmo ao som  
desse *tambor fechado*,  
também sorrio  
e depois (re)colho  
versos vivos.

## MENINA EM TRANSE

*para Vera Lúcia de Oliveira*

A menina que nasceu  
    *madura no dentro*  
    *de mãe serenando vento,*  
a menina que penetrava  
no coração das sementes,

    hoje, ainda em transe,  
visita coisas e seres  
com seu sopro  
    e os ouve:  
sua alma de bicho segue  
conversando de perto  
com a alma de tudo  
o que deseja  
    fazer perene.

## TATUAGEM

CASCUDO EU TE AMO  
lê-se na lápide de cartolina.

O menino, que ainda não sabia  
escrever com letra cursiva,  
escreveu sobre o túmulo  
– uma embalagem de margarina –  
de seu peixe recém-enterrado  
e coberto com uma borboleta  
desenhada como oferenda.

CASCUDO EU TE AMO  
tatuou o menino em minhas retinas.

## UM LUGAR

onde pudesse estar.

jardim diário no solo,  
não mais solitário, do corpo,  
em que o vermelho intenso  
de gérberras e tulipas,  
a despeito de épocas,  
se prolongasse misturando-se  
ao ocre – mesmo que doesse  
em contínua carícia  
escrita por dentro.

um lugar onde pudesse estar  
sabendo-se terra viva.

## VINCO DE VIDRO

*para Carlos Machado (Machadinho)*

Num traço feito de cacos,  
                  o voo perfeito de um pássaro:  
limpo silêncio sem rastro  
de dores e ausências,  
como se os cacos  
não lhe houvessem  
riscado o peito.

## SER NOTURNO

Sob o signo de Saturno  
o homem segue só  
numa vida-sonho  
de extremos.

Raríssimos sóis de êxtase  
– eu vitorioso sobre escombros –  
revelam-se pátina de euforia,  
tábua de provisória salvação.

Pela lâmina do desespero,  
ser estilhaçado, imerso  
em agonia: gozo paradoxal  
de quem só viceja  
na escuridão.

## PROCURA

Pensamento suspenso no céu  
da boca que há muito não diz  
apenas escreve vestígios:

voou à procura de outro  
céu para o pouso.

## **SIM**

*para Diógenes*

Ao som  
de Bob Dylan,  
o sim  
no banco de trás  
do carro atolado,  
resgate de guincho  
ao amanhecer.

Sol e sargaço  
na pele,  
o sim  
no banco de areia  
da praia deserta,  
vermelho a tingir  
devagar o azul.

Sob o céu  
de hera,  
o sim  
no banco de pedra  
no meio da trilha,  
risco na perna, dor  
e delícia de cicatriz.  
>>

Ao som  
de chuva e Jobim,  
no banco da igreja,  
diante do altar  
– nascido bem antes  
no banco de nuvens  
da adolescência,  
num mar  
de desejo desperto,  
sonho de corpo  
e sentidos –  
enfim.

## TENTATIVAS

Não alcança os poços  
de Sophia. Apenas toca  
com seus fios a superfície  
de uma vida

*inutilmente gasta*

nesta grande cidade  
que é o mundo – poço  
a circundar poços  
infintos, onde a maioria  
lambe bordas,  
sorve gotas,  
come o limo.

Inutilmente traça

fios que boiam,  
tocam, roçam  
a superfície,  
mas não alcançam  
o âmago das águas.

## FIOS DO ONTEM

Em panelas de alumínio  
a goteira latejava  
madrugadas e ouvidos  
adentro.

    No centro das vasilhas  
pedaços de trapos  
amorteciam (sem apagar)  
o agudo som  
    acorde contínuo  
    da solidão.

De tanto  
pingar-latejar  
    sólida

a água perfura  
os sentidos  
daquele menino  
até hoje  
    que as panelas estão vazias  
e os trapos são infinitos  
buracos na secura do chão.

## POEMA PARA FERREIRA GULLAR

*(retrato numa noite de outubro de 2008)*

Sorrindo pelos fios  
do cabelo, em brilhos  
refletidos nas meninas  
dos olhos – como se não  
houvesse a barreira  
dos óculos – o riso oblíquo  
estendia-se nos ossos  
compridos das mãos.  
Os lábios permaneciam  
risco, contínua faísca  
lembrando caminhos,  
antigas nascentes  
de azuis e jasmim.

## NOSTALGIA

De noite, a lâmpada no globo  
inunda de luz e vertigem o menino,  
que insiste em esticar o fio de olhos virgens  
para o de dentro do ovo luminoso.

De dia, o mesmo fio esticado para cima,  
para o de dentro impossível de alcançar –  
*quem botou o sol tão alto, mamãe?*

Sempre, o fio dos olhos da mãe  
para o de dentro do menino: seu antes.

## PASSEIO EM FEVEREIRO DE 2006

No corpo do ipê  
que ainda iria florescer,  
uma negra fila  
de minúsculas vidas  
retém um olhar.

*A foimiga passeia na pele da aive*

diz o menino  
de um ano e meio  
à mãe e a paralisa  
naquele passeio  
para sempre impresso.

## DUPLO COZINHAR

O chamado do poema é brando  
por enquanto, sem emergência.

Pode esperar o cozimento  
dos cogumelos, a fervura  
do caldo de legumes, a mão  
que, em vez de escrever seu corpo,  
corta a cebolinha e o palmito.

Calmo, o poema que ainda  
não nasceu, não foi escrito,  
aguarda o ponto de maciez  
dos grãos de arroz, após  
a evaporação do vinho branco.

Aguarda sem saber – ou por saber –  
que também nesse momento  
está sendo preparado, atendido  
em sua dissimulada não-urgência  
de nascer e ser servido.

## ESCOLHAS

Sentada no vaso,  
a mulher observa  
o rejunte: caminho  
intermitente (carcomido  
pelos dentes do tempo)  
por entre azulejos  
de desbotado anil.  
Piso e azulejo – lembra-se  
como se fosse importante –  
foram escolhidos por ela,  
que agora os vê  
tão desgastados  
e velhos quanto  
o resto.  
Estica uma das mãos,  
sente o rejunte  
esburacado,  
tentando descobrir  
em que momento  
o caminho  
(não escolhido)  
começou a ruir.

## ROTO CAMINHO

Sob o céu do viaduto,  
sua casa, rumo ao vazio  
de um poço vida-vala,  
segue um profeta sem sonhos  
equilibrista cego e coxo  
sem bengala sem cachorro  
sem saber até quando.

## SALTO FINAL

do último  
andar  
ao estatelar  
no cimento

o risco

imprevisto  
e inútil

do arrependimento

## CORDA BAMBA

Não dirige automóvel  
só bicicleta (e muito mal),  
não nada, toma ônibus  
errado, dobra esquina antes  
do final da quadra  
(já teve a testa cortada),

recusa-se a usar panela  
de pressão, em vez de ovo  
cozido faz ovo explodido  
(nome dado por seu filho),  
desmaia ao ver barata,  
não sabe dar nó  
em gravata,

nada: não sabe fazer  
nada, a não ser equilibrar-se  
em fios de alta tensão.





da arte







no pensamento,  
transformam cada instante  
em possibilidade,  
embora sempre  
à mercê do antes.

## NOITE ESTRELADA SOBRE O RÓDANO

Pintar era o mesmo que respirar – não o ar,  
mas o sol vindo de abismos noturnos,  
negro solo a engolir noites insones.

De obsessivas criações de um louco  
coração sempre à deriva  
nascia o sopro,  
vértebra de luz  
cortando o impossível  
azul, perpetuando águas,  
solidão e alma.

## MÓBILE CALDERIANO

fio de prumo que se move  
em horizontal espanto:  
em vez de peso perpendicular,

camadas de pás sobrepostas  
propagam o movimento  
flutuante

invisível sopro a pendurar/perdurar  
no voo, o corpo  
do sonho.

## LUZ DE GOELDI

Das mãos do mestre  
linhas irrompem  
rasgando céus  
por onde descem silêncios  
– espelhos de si mesmo?

Na força do vermelho,  
nascem contornos e cernes:  
erguem-se vidas  
de sólida escuridão.

## CONCERTOS DE FRANCIS PONGE

Pingos precisos,

plenos de delicadeza, sem cair na áspera monotonia,  
renovam-se: nuvens prenes a parir continuamente, com fios e  
traços exatos, cada esboço sem borrão – embora múltiplo. Partituras,  
cujas notas-engrenagens soam límpidas, transparentes, trans

formando a luz efêmera do dia em infinito.

## POR UM FIO

Após assistir a um filme  
de Bresson, teve febre.  
Nunca mais seu coração  
aquietou-se, para sempre  
ficou em descompasso:  
    andantino entrecortado  
ora pelo som de sinos,  
ora pelo zurrar de um asno.

Nem os sonhos mais insólitos  
de Buñuel o perturbaram  
tanto, a ponto de saber-se  
– irremediavelmente –  
    só.

## FIOS NASCENTES

*(após descoberta de que Holbein inspirou Dostoiévski,  
que inspirou Bresson, que...)*

A visão do corpo  
morto de Cristo  
pintado-esculpido  
pelas mãos de Holbein  
faz nascer, além da dor,  
um príncipe  
    no coração  
de Fiódor: Michkin

Esse Cristo-Quixote  
– que nada tem de idiota –  
(e o zurrar de um burro)  
faz nascer Balthazar,  
obra-prima de Bresson  
emoldurada por outra:  
dolorosa Sonata  
sonhada por Schubert.

## MANDALAS

*para Angela-Lago e em memória de Nise da Silveira*

No fim do fio vertical,  
o princípio de Horus:  
escuridão do inconsciente  
agarra-se feito hera  
ao clarão que nasce  
do próprio fio.

Em círculos ascendentes  
projetam-se na pele  
do papel  
    múltiplas mandalas:  
sóis singulares  
a iluminar  
profundas dores  
e crateras.

## OLHARES DE OZU

carne do caos  
na crueza cotidiana das  
coisas.

real:  
de tão repetido e exposto,  
rio.

Absurdidades  
suspensas por fios de  
eclipses.

No cerne do efêmero,  
além do belo,  
riso.

## **FIOS DE UM SONHO**

*(após visita à Casa da Flor – RJ)*

a casa de Gabriel Joaquim dos Santos não é uma casa

restolhos encantados por um mago

pétalas precisas

de pedra

viva sempre

viva

*que fique aí não se desmanche*

até o cachorro companheiro de viagem

de Gabriel Joaquim dos Santos:

Diamante

## MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA

Além da pérola  
na orelha da moça  
de Vermeer,

o indevassável  
desejo nos olhos:  
sonho a arder.



## DESABAFO DE CINÉFILO

O velho a repetir-se  
no vazio de recombinações  
vai adestrando  
telespectadores  
(não mais amantes  
como antes)  
para o novo  
disfarçado disforme  
oferecido em  
ubíquos recortes:  
fontes incessantes  
de prazer que não perdura.

## MUSA DESCONHECIDA

Sem nunca ter estado  
num museu, sua alma  
vivia num quadro  
de Monet:

                                  sempre a um passo  
do abismo,  
oblíquo entardecer.

## CRIAÇÃO

Na escolha  
extrema de Dürer,  
talvez a mesma de Klee:  
                  destruir e (re)criar,  
                  renunciando ao velho  
                  apelo da repetição,  
perpetua-se,  
além da arte – artéria da melancolia –  
o gênio e sua alma  
de exceção.

## ZIGUE-ZAGUE

(depois de ler Octavio Paz)

*a outra voz*

a zigue-zaguear

na alma

infinita

mente:

ora poesia pavio

embriaguez

febre

furor

ora *absentia*

fio estático

languidez

torpor

## DONIZETE GALVÃO

Na virtude do menos,  
o disfarce para o muito:

vasta alma,

casa a recusar adornos  
sem serventia,

desejando o mínimo

mas cultivando afetos,  
amigos e discípulos  
a transbordar

– seu único acúmulo.

Na escolha de cacos,  
rebotalhos e restolhos,  
feixe de sulcos e rastros,

o perfeito acabamento

após lenta  
urdidura de si mesmo.

>>

Muito além  
de fachada provisória:

fonte generosa  
do mais fino humor,  
ponte a estender-se,

rara voz

– por vezes destilada na dor e no lamento –  
de pássaro que procura

*razão para cantar com contentamento.*



*Fios*

foi composto na tipologia Garamond Premier Pro.  
Miolo em papel pólen 80 gramas. Capa em cartão 250 gramas.  
Impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Paraná,  
em Curitiba, no mês de novembro de 2014.